

Jornalismo científico e saúde: adaptação do *Index of Scientific Quality* à língua portuguesa¹

Mariella Silva de Oliveira², Lucia Helena Costa Paiva³, José Vilton Costa⁴, Aarão Mendes Pinto Neto⁵

Resumo

A pesquisa adapta para o português o *Index of Scientific Quality* (ISQ), utilizando 80 textos sobre saúde da mulher publicados nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ* (entre 08/2005 e 07/2006). O ISQ possui oito itens que medem a aplicabilidade, grau de opinião, validade e alcance da descoberta, precisão, coerência, consequência dos dados e um item global. O instrumento foi traduzido, retro traduzido e submetido a prova piloto até a versão definitiva, testada por médicos e jornalistas. Após a análise dos textos, a consistência interna dos itens medida pelo coeficiente alfa de Cronbach, variou entre 0,81 e 0,96. A concordância inter e intra-observador, calculada pelo índice Kappa variou de -0,03 a 0,48 e entre 0,27 e 0,34. (IC 95%), respectivamente. O ISQ mede de forma adequada a qualidade científica e a baixa concordância inter e intra-observadores indica a necessidade de novos estudos para avaliá-lo.

Palavras-chave

jornalismo científico, periódicos brasileiros, saúde e comunicação de massa

Corpo do trabalho

Introdução

A imprensa tem importante papel na divulgação de temas de saúde pois pode contribuir para a prevenção de doenças e melhoria da qualidade de vida da população, e por isso mesmo é um assunto que atrai a audiência (COE, 1998). Os meios de comunicação são a principal fonte de informações para a população (RADFORD, 1997) e os jornalistas e os profissionais da saúde devem fazer o melhor trabalho para informá-la. Porém, nem toda mensagem repassada através da imprensa tem qualidade (WALLACK, 1997).

Isso é notável na cobertura em saúde da mulher, avaliada por meio de diferentes métodos. Em análise de dez anos de revistas femininas norte americanas, descobriu-se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre em Tocoginecologia – Unicamp, especialista em jornalismo científico (Labjor- Unicamp) e informação em saúde (Anis-Espanha). mariellajornalista@gmail.com

³ Professora associada da Unicamp. paivaepaiva@uol.com.br

⁴ Estatístico do departamento de tocoginecologia da Unicamp. josevilton@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho, médico, professor da Unicamp e especialista em jornalismo científico. aaao@unicamp.br



que a maior parte delas focava o tema em dieta, exercícios e nutrição, em detrimento de temas relevantes na epidemiologia daquele país (WESTON e RUGGIERO, 1985). A imprensa muitas vezes dá pouco espaço para temas importantes em saúde como os das principais revistas médicas e apresenta informações que diferem até das próprias preocupações femininas (MOYER et al, 2001).

No Brasil, o quadro não é muito diferente. O tema ocupa em média, 14% do total das matérias sobre saúde veiculadas nas revistas semanais de atualidades, com predomínio de textos superficiais (notas) e enfoque prioritário para os aspectos reprodutivos, em detrimento de outros temas da saúde das mulheres (OLIVEIRA et al, 2009a). Até mesmo nas revistas femininas, o espaço é reduzido e as pautas, superficiais. A saúde nesse tipo de publicação é um tema secundário (BRITO, 2001).

A saúde da mulher é tema importante pois ela representa mais da metade da população nacional, (50,78%) (BRASIL, 2000a), 43,10% da população economicamente ativa (BRASIL, 2000b) e 57% do público consumidor de revistas (GRUPO, 2007). Segundo a OMS, saúde da mulher é o principal determinante de saúde infantil, logo, a qualidade da saúde no futuro depende em grande parte dos investimentos em saúde da mulher e conhecimento das novidades na área, por parte da população, que vai discernir sobre os rumos de sua saúde.

Dentre os métodos mais utilizados para avaliar os textos na imprensa, estão a análise de conteúdo (JUNIOR, 2005), de discurso (MANHÃES, 2005), entre outros. Porém, não se tem conhecimento de pesquisa nacional realizada com questionário específico para avaliar a informação em saúde. Isto justifica a realização deste estudo pois existe um instrumento desenvolvido no Canadá que mede a informação em saúde nos textos da mídia, conhecido como Index of Scientific Quality, ISQ. (OXMAN, 1993) Ele foi validado para o idioma espanhol (BIONDO e KHOURY, 2005) e analisa tópicos relevantes no que se refere a informação em saúde. Uma vez que não foi encontrada publicação brasileira que a ele se referisse, o ISQ foi escolhido para ser traduzido e adaptado ao português. Além da relevância do tema e escassez de trabalhos na literatura nacional, é importante destacar a possibilidade de difundir uma ferramenta já utilizada em outros países e que pode ser aliada às metodologias já consolidadas no Brasil para que tanto os jornalistas como os profissionais da saúde possam dele se apropriar e fazer uso.

Material e métodos

Em estudo de corte transversal, foram coletados textos sobre saúde da mulher publicados entre agosto de 2005 a julho de 2006 nas principais revistas semanais de circulação nacional, *Veja*, *Época* e *IstoÉ*. As revistas têm estilo textual mais amplo e detalhado, contextualizado e com informações diferenciadas (LUSTOSA, 1996), o que possibilita uma avaliação da qualidade.

A revista *Veja* é a maior revista semanal de atualidades e a quarta mais vendida no mundo. Sob a responsabilidade da Editora Abril, sua tiragem obteve no ano de 2006 a média de 1,1 milhão de exemplares por edição. O perfil de seu leitor é feminino em sua maioria (53%), grande parte tem entre 20 e 39 anos (41 %) e 70% pertencem às classes A e B (EDITORA ABRIL, 2006).

Editada pelas organizações Globo, a revista *Época*, também possui maioria de mulheres no seu público leitor (51%); 24% têm entre 25-34 anos e 19% entre 18-24 anos. Em relação à classe social, os leitores classe A e B correspondem a 62% e sua tiragem semanal gira em torno dos 433,6 mil exemplares (EDITORA GLOBO, 2006).

A revista *IstoÉ*, da Editora Três, possui tiragem média de 351, 2 mil exemplares por edição e 53% dos leitores são homens; 67% da classe AB e 39% têm entre 30 e 49 anos (OLIVEIRA, 2007).

A coleta dos textos foi feita manualmente pela pesquisadora em duas bibliotecas públicas e os textos informativos (notícias, reportagens e entrevistas) que apresentavam aspectos referentes a problemas de saúde, doença ou bem estar da mulher foram fotocopiados e incluídos na análise. Textos opinativos, publicitários e notas foram excluídos para garantir a homogeneidade da amostra (JUNIOR, 2005). Os conteúdos em saúde da mulher nas revistas analisadas no período tratavam em sua maioria da saúde reprodutiva(22.5%). Outros temas em saúde da mulher observados na amostra foram beleza e estética (13,75%), temas de saúde geral⁶, cuja prevalência é maior em mulheres (13,75%), sexualidade (11.25%), prevenção, riscos e cuidados (11.25%), políticas e direito à saúde (8.75%), menopausa (8.75%), violência (6.25%) e saúde mental (3.75%) (OLIVEIRA et al, 2009b).

⁶ Os temas de saúde em geral abordados foram a infertilidade feminina como doença psicossomática mais comum, uso de remédios para emagrecer, aumento das doenças de tireóide, distúrbios alimentares, compulsão por compras, hipertensão pulmonar, problemas com a libido na velhice, maior procura por estética dental, maior tendência a sentir dor e maior autonomia delas na velhice.

O instrumento utilizado nessa pesquisa, o Index of Scientific Quality (ISQ), possui oito itens com cinco diferentes respostas para cada item, em formato Escala de Likert, que variam de um (baixa qualidade) a cinco (alta qualidade). As características medidas pelos itens são aplicabilidade, relacionada ao grau de clareza da informação relatada e seu público alvo; opinião versus fato, que analisa se há distinção clara entre opiniões e informações; validade, que mede o nível de evidência e credibilidade das fontes utilizadas no texto; alcance, que avalia se o texto explicita o impacto da descoberta; precisão, que mostra se no texto há bom fundamento em relação a estimativas e probabilidades; coerência, que indaga se o texto faz referência a outros estudos; consequência, que procura no texto os benefícios, riscos e custos do fato relatado; e um último item denominado global que, baseado nas pontuações anteriores, resume os outros sete itens e dá uma avaliação geral do texto como sendo de boa, moderada ou baixa qualidade científica. Este questionário é de origem canadense, está validado para o idioma espanhol e seu autor não se opôs à adaptação e utilização no Brasil. Sua versão preliminar já foi utilizada em estudo sobre as drogas na imprensa espanhola (MONTANE et al, 2005).

Na fase de adaptação do questionário à língua portuguesa, foram realizadas de forma independente duas traduções iniciais do idioma original, por tradutores brasileiros. As diferenças entre as duas traduções foram avaliadas pelos pesquisadores principais e se obteve a primeira versão em português. Em seguida, uma pesquisadora cuja língua mãe é o inglês, fez uma nova tradução (*backtranslation*) dessa versão para o inglês, que foi comparada com a versão canadense. As diferenças de significação foram comparadas com o questionário em espanhol e resolvidas entre os pesquisadores principais, obtendo assim uma versão preliminar em português, submetida à prova piloto. Nesta etapa, dois pesquisadores da área da saúde com experiência em investigação clínica e questionários, avaliaram de forma independente seis artigos sobre saúde da mulher. Concluída a avaliação piloto, os pesquisadores analisaram as dificuldades na utilização do instrumento e foi definida a versão definitiva do ISQ em língua portuguesa.

Em seguida, esse questionário foi aplicado à amostra de 80 textos sobre saúde da mulher, por dois médicos pesquisadores em saúde da mulher e dois jornalistas com experiência na área de saúde, em tabelas individuais, sem consulta entre os avaliadores. Para o teste-reteste um dos pesquisadores refez a avaliação com os mesmos textos.

Utilizou-se mais de um analista para minimizar a subjetividade da análise (PEROSANZ, 2006).

Esses dados foram alocados em banco específico no Excel, para verificação da consistência e limpeza do arquivo. Após esta etapa, foram transportados para o software SAS versão 9.1.3 (SAS Institute Inc., Cary, USA) onde foi medida a consistência interna dos itens pelo coeficiente alfa de Crombach (HULLEY et al, 2003), e as concordâncias entre os avaliadores e intra – observador (teste-reteste), pelo índice Kappa (FLEISS, 2000), ambas para avaliar a aplicabilidade da versão brasileira do ISQ. Valores menores que zero indicam concordância pobre, entre zero e 0,2 concordância leve; entre 0,2 e 0,4 concordância razoável; entre 0,4 e 0,6 moderada; entre 0,6 e 0,8 boa concordância e entre 0,8 e 1 concordância quase perfeita (LANDIS e KOCH, 1977). Não foi encontrado outro questionário que pudesse ser comparado à versão desenvolvida na pesquisa. Para a avaliação da qualidade científica dos textos, foi considerado o item oito do questionário e sua mediana, por ser esta uma medida que não é afetada pelas observações extremas (PAGANO, 2004) e é usada como uma medida-resumo para variáveis categóricas (RIUS DIAZ e LOPEZ, 2007). Não foram utilizados seres humanos como sujeitos de pesquisa. Os dados foram extraídos de fonte documental jornalística que contém informações já difundidas e de domínio público. O protocolo de pesquisa foi aprovado pela Comissão de pesquisa do departamento de Tocoginecologia e pelo Comitê de ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Resultados

Durante doze meses consecutivos foram coletados 80 textos sobre saúde da mulher: 33 notícias, 43 reportagens e 4 entrevistas. A tabela 1 mostra a consistência interna dos itens do questionário, com índice alfa de Crombach global variando de 0,81 a 0,96.

A tabela 2 mostra a variabilidade inter e intra-observadores, medida pelo índice Kappa, com intervalo de confiança de 95%. O reteste feito por um dos avaliadores obteve valores razoáveis, com menor pontuação no item referente ao grau de opinião explícito no texto: 0,27 e maior pontuação no item global: 0,34. A concordância entre os avaliadores pode ser classificada de baixa a moderada, pois o valor de kappa variou de -0,03 encontrado no item validade a 0,48 no item referente a opinião. Então, para os valores da concordância inter-observadores, temos itens 3 e 4 com concordância pobre,

itens 1 e 5, concordância leve, itens 6 e 7, concordância razoável e itens 2 e 8 concordância moderada. A concordância intra-observador foi razoável.

Tabela 1. Análise da consistência interna (alfa de Cronbach) dos itens, por avaliador

Itens	Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Avaliador 4
Aplicabilidade	0,97	0,84	0,96	0,95
Opinião X fato	0,96	0,79	0,92	0,92
Validade	0,95	0,78	0,93	0,92
Alcance	0,95	0,77	0,92	0,92
Precisão	0,95	0,79	0,93	0,92
Coerência	0,95	0,79	0,93	0,92
Conseqüência	0,96	0,79	0,93	0,92
Global	0,95	0,73	0,92	0,93
Alfa de Cronbach Global padronizado	0,96	0,81	0,94	0,93

Tabela 2. Análise de concordância*

Item		inter-observador		intra-observador
Aplicabilidade	0,18	(0,14 ; 0,22)	0,29	(0,17 ; 0,41)
Opinião X fato	0,48	(0,42 ; 0,54)	0,27	(0,15 ; 0,40)
Validade	-0,03	(-0,09 ; 0,03)	0,31	(0,20 ; 0,43)
Alcance	-0,02	(-0,06 ; 0,02)	0,28	(0,16 ; 0,40)
Precisão	0,18	(0,12 ; 0,24)	0,3	(0,19 ; 0,41)
Coerência	0,38	(0,32 ; 0,44)	0,32	(0,20 ; 0,44)
Conseqüência	0,27	(0,21 ; 0,33)	0,28	(0,16 ; 0,40)
Global	0,44	(0,38 ; 0,50)	0,34	(0,23 ; 0,45)

* Kappa ponderado e IC 95%

Discussão

O objetivo do estudo foi adaptar para o português e avaliar a aplicabilidade do questionário Index of Scientific Quality. Seus itens apresentaram homogeneidade e mensuraram de forma satisfatória a escala de intensidade proposta, de acordo com a consistência interna apresentada pelo alfa de Crombach. Essa medida variou entre 0,81 e 0,96 e é compatível com os resultados na validação para o espanhol, que tiveram consistência interna variando entre 0,81 e 0,88 (BIONDO e KHOURY, 2005). Embora a pesquisa argentina não tenha como foco de estudo a saúde da mulher, e sim saúde em geral, utilizaram metodologia e análise estatística semelhantes a este estudo e por isso pode ser comparável. Valores acima de 0,9 indicam excelente consistência (SAMPIERI,

et al; HULLEY, 2003) e portanto, há boa consistência interna da versão brasileira do ISQ. Já a concordância entre os avaliadores foi de pobre a moderada. A concordância interobservador teve o valor mínimo no item validade, como Kappa igual a -0,03 e valor máximo no item referente ao grau de opinião no texto, 0,48. No estudo de validação para o espanhol se atingiu índices maiores de confiabilidade mas não ideais, pois a concordância inter-observador variou entre 0,48 e 0,67 (BIONDO e KHOURY, 2005).

Em relação a avaliação intraobservador, em todos os itens houve uma concordância razoável, sendo que o de maior pontuação foi o item global, com Kappa 0,34 e o de menor, foi o item opinião versus fato, com 0,27. No questionário argentino, a concordância foi superior e variou entre 0,51 e 0,95. O que em geral justificaria uma baixa concordância é o tempo decorrido entre a primeira avaliação e o reteste, que nesse caso foi de nove meses e pode ser considerado uma das limitações do estudo. Em investigações epidemiológicas, a recomendação é que o período não seja nem muito curto para que as pessoas não se lembrem como responderam da primeira vez e ao mesmo tempo não muito longo para que as variáveis não sofram alterações (SAMPIERI, 1991). Porém, uma vez que se trata de estudo com textos, um período longo a priori não faria com que as variáveis ou os objetos de estudo se modificassem, como aconteceria em estudos com pacientes e sua saúde. Ao contrário, permitiria que o avaliador não se recordasse das marcações anteriores ou por elas fosse influenciado na segunda avaliação. Cabe informar que o tempo entre a primeira e a segunda avaliação foi de nove meses, o que poderia ser uma limitação do estudo. De qualquer forma, a concordância intra-observador foi razoável.

Na avaliação de Oxman (1993), a concordância foi boa em cinco itens (incluindo o item global), moderada em dois e razoável em um. Os pesquisadores canadenses avaliaram o questionário também através de um outro, preenchido por jornalistas e pesquisadores que relataram que o ISQ poderia servir também como uma lista de verificação no preparo das reportagens. Essa etapa foi suprimida de nossa avaliação, uma vez que consideramos que a análise inter-observador e o teste-reteste já cumprem o papel de avaliar a aplicabilidade do instrumento.

Não se tem conhecimento de outro instrumento para avaliação da qualidade científica de textos sobre saúde na imprensa e nem se encontraram outros estudos de validação de

questionários em comunicação pois essa prática não é comum nesse ramo de ciência, ao contrário de áreas como medicina e outras ciências biológicas. Por isso não foi possível comparar a validade do instrumento em relação a outros criados para o mesmo fim. Porém, avaliando a literatura em jornalismo científico, pode-se inferir que o ISQ traz um bom apanhado de características que devem estar presentes num texto sobre saúde na mídia. Afinal, é necessário se explicitar num texto o público alvo a que ele se trata conforme o item aplicabilidade avalia. A distinção clara entre os fatos e opiniões também é outra característica importante mensurada pelo ISQ pois não é lícito sustentar um texto informativo em saúde somente a partir de opiniões, mas de evidências científicas. As opiniões devem somente reforçar uma informação (BARROS, 2003).

O jornalista deve suspeitar das informações que recebe e desvendar os interesses e compromissos das fontes de suas matérias (BUENO, 2003), pois atrás de um relato de pesquisa pode estar interesses ambíguos e falsos. Daí a necessidade de se definir bem em cada texto o que é opinião, bem como caracterizar quem dá a opinião.

Em relação a validade das descobertas, como mensura o item três do ISQ, é fundamental que o jornalista tenha espírito crítico e pesquise sobre o tema da reportagem em saúde e também sobre os métodos empregados na descoberta. Muitas vezes o pouco espaço editorial obriga o repórter a suprimir informações importantes e dados que ele talvez considere complexos pois as observações que geraram hipóteses, materiais e métodos utilizados no trabalho não interessam aos jornalistas como as conclusões das pesquisas e a aplicação dos resultados no cotidiano das pessoas (GOMES, 2003). Porém mesmo que ele não cite os métodos, o fato de avaliar criticamente a pauta e definir se ela merece espaço no jornal já faria com que sejam veiculadas evidências socialmente relevantes.

O item referente ao alcance, complementa o anterior e também é pertinente, pois é fundamental que o jornalista verifique não só a metodologia utilizada, mas também explicita os custos e a origem dos recursos da pesquisa para detectar conflitos de interesse e vínculos empresariais, por exemplo, além de contextualizar o estágio da pesquisa em outros países, bem como consultar outras fontes sobre o mesmo tema que podem auxiliar no entendimento da pesquisa (CALDAS, 2003).

A precisão dos dados e a significância estatística da pesquisa, conferidas pelo item cinco do ISQ, também devem ser estudadas antes de qualquer cobertura bem como é possível

se comparar o tema com outras pesquisas e estudos na mesma área. O que é verdade para o pesquisador é relacionado ao grau de certeza que ele tem em relação a aquela informação, mas esse conceito pode ter interpretações diferentes quando se ouve um “outro lado” da ciência, sob a voz de outro pesquisador da área, por exemplo (MONTEIRO, 2003). Daí também a pertinência do item seis do questionário.

O item sete indaga se as consequências importantes são citadas. Uma vez que a população tem na imprensa sua principal fonte de informações sobre saúde, os benefícios, riscos e custos dos fatos seriam essenciais para que seja possível uma tomada de decisão consciente, por parte da população. Em suma, os itens do questionário são pertinentes e tem relação com demandas e conceitos em jornalismo científico. O jornalismo deve convidar o leitor a reflexão trazendo conhecimento para que os cidadãos possam compartilhar das inovações tecnológicas e novas descobertas da ciência (BUENO, 2003).

Este artigo representa um passo na busca de instrumento que avalie a qualidade das informações em saúde apresentadas pela mídia brasileira. O fato de os avaliadores não terem recebido treinamento para utilização do instrumento é uma limitação do estudo que pode ter dado margem a subjetividade na interpretação das questões, por suas diferentes percepções em relação aos textos jornalísticos.

Em virtude da importância da avaliação dos textos sobre saúde que chegam até a população, novos estudos são necessários para aumentar a reprodutibilidade desse instrumento na língua portuguesa bem como para buscar outros instrumentos que meçam a qualidade científica. Se a imprensa nem sempre cumpre seu papel de promoção da saúde é preciso avaliar os textos produzidos para melhorar o jornalismo brasileiro. Com eficiente divulgação de saúde, realizada pelos profissionais da saúde e da comunicação, se poderá melhorar a qualidade de vida das mulheres e evitar que sigam com sua saúde debilitada, além de diminuir os gastos do governo com ações curativas e alertar aos governantes e a comunidade científica sobre os temas que merecem atenção.

Conclusões

Os itens do questionário mensuraram de forma adequada a qualidade científica e a baixa concordância inter e intra-observadores indica a necessidade de novos estudos para

umentar a reprodutibilidade da versão brasileira do ISQ, que pode ser utilizada como ferramenta de apoio a estudos que se baseiem em outras análises.

Esses resultados não podem ser generalizados a outros veículos ou períodos de análise, porém são base para outros estudos que tenham como foco a saúde nos meios de comunicação. O tema saúde da mulher é uma das metas do milênio e se a mídia é o mais freqüente meio de transmissão de informações em saúde à população, cabe a ela disponibilizar um maior número de informações e com qualidade suficiente para apoiar as mulheres e a população em geral na tomada de decisões em saúde. O questionário adaptado para o português pode ser solicitado aos pesquisadores por e-mail.

Referências bibliográficas

BARROS A.T. Poder, saber e discursos ecológicos no Brasil: ciência, estado e imprensa. In: DUARTE J., BARROS A.T., eds. **Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação**. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 67-93.

BIONDO E., KHOURY M.C. Información de salud en la prensa diaria argentina: adaptación al español y validación del cuestionario Index of Scientific Quality para medir su calidad. **Biomédica** 2005; 25: 366-76.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**, 2000a. Disponível em http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm . Acesso em 19 ago. 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**, 2000b. Disponível em http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm . Acesso em 19 ago. 2007.

BRITO, M. F. D. **Saúde da Mulher na Imprensa Feminina**. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 2001.

BUENO W.C. Jornalismo científico, lobby e poder. In: DUARTE J., BARROS A.T., eds. **Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação**. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 115-159.

CALDAS G. Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria. In: DUARTE J., BARROS A.T., eds. **Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação**. Brasília, DF:Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 217-230.

COE, G.A. Comunicación y promoción de la salud. **Revista Chasqui**, n. 63, 1998. Disponível em <http://chasqui.comunica.org/coe.htm> . Acesso em 06 mar. 2007.

EDITORA ABRIL. Estudos Marplan / EGM – AS 10 + - 9 mercados – 2006. **VEJA Mídia Kit**. Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja/perfil_leitor.shtml . Acesso em 03 dez. 2007.

EDITORA GLOBO. Estudos Marplan consolidado 2006 e IVC média 2006. **Mídia Kit Época**. Disponível em <http://editoraglobo.globo.com/publiedglobo.htm> . Acesso em 3 dez. 2007.

FLEISS J.L. The measurement of inter-rater agreement. In: FLEISS J.L., LEVIN B., CHO P. M. **Statistical methods for rates and proportions**. 3 ed. Nova York : John Wiley & Sons Inc.; 2000

GOMES I.M.A.M. Cientistas e jornalistas: um diálogo possível. In: DUARTE J., BARROS A.T., eds. **Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 187-215.

GRUPO de Mídia São Paulo. **Mídia Dados 2007**. São Paulo: Editora Abril, 2007, 610 p.
Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009

HULLEY S.B., CUMMINGS S.R., BROWER W.S., GRADY D., HEARST N., NEWMAN T.B. **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. Trad: Duncan MS; Peres AR. 2 ed. Porto Alegre: Artmed; 2003.

JUNIOR W.C.F. Análise de conteúdo. In: DUARTE J., BARROS A., orgs. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas; 2005: 280-304.

LANDIS J.R., KOCH G. The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics** 1977; 33: 159-174.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: Editora UNB, 1996. 192 p.

MANHÃES E. Análise do discurso. In: DUARTE J., BARROS A., orgs. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas; 2005: 305-315.

MONTANE E., DURAN M., CAPELLA D., FIGUERAS A. Scientific drug information in newspapers: sensationalism and low quality. The example of therapeutic use of cannabionoids. **Eur J Ckin Phanrmacol** 2005; 61: 475-477.

MONTEIRO M.G.M.F. Duelo ou dueto? A controvertida relação entre cientista e jornalista. In: DUARTE J., BARROS A.T., eds. **Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 161-185.

MOYER C.A., VISHNU L.O., SONNAD S.S. Providing health information to women. The role of magazines. **Int J of Tech Assess in Health Care** 2001; 17: 137-145.

OLIVEIRA M.S., PAIVA L.H.S.C., COSTA J.V., PINTO-NETO A.M. Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 1, 2009a.

OLIVEIRA M.S., PAIVA L.H.S.C., COSTA J.V., PINTO-NETO A.M. Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais. **Interface**. [Internet] 2009b [Acesso 2009 Mar 31] Pré – publicação <http://www.interface.org.br/arquivos/aprovados/artigo131pdf> .

OLIVEIRA, C. **Perfil Novo IstoÉ – IVC setembro07**.ppt. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mariellajornalista@gmail.com em 13 dez. 2007.

OXMAN A., GUYATT G.H., COOK D.J., JAESCHRE R., HEDDLE N., KELLER J., et al. An index of scientific quality for health reports in the lay press. **J Clin Epidemiol** 1993; 46: 987-1001.

PAGANO M. **Princípios de bioestatística**. Trad: Luiz Sérgio de Castro Paiva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2004. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009

PEROSANZ J.J.I. **Métodos cuantitativos de investigación en comunicación**. Barcelona: Editorial Bosch; 2006.

RADFORD, T. Influencia y poder de los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V., Turney J., Turow J., Wilkie T., Altman L.K., et al. **Medicina y medios de comunicación**. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve, p. 97-101, 1997.

RIUS DIAZ F., LOPEZ F.J.B. **Bioestatística**. SP: Thomson Learning; 2007. FAYERS P.M., MACHIN D. **Quality of Life: assessment, analysis and interpretation**. Chichester: John Wiley e Sons; 2000.

SAMPIERI R.H., COLLADO C.F., Lucio P.B. **Metodología de la investigación**. 2ed. México: Cia Ed. Ultra; 1991.

WALLACK L. Improving Health promotion. In: ATKIN C., WALLACK L. **Mass communication and public health**. Londres: A Sage Focus Edition;1990: 147 – 163.

WESTON L. C., RUGGIERO J. A. The popular approach to women`s health issues: a content analysis of women`s magazines in the 1970`s. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 10, n. 4, p. 47-62, 1986